

SEM TÍTULO

Apresentação de Carolina Clasen¹ e Lorenzo Bottiglieri² Imagens de Lorenzo Bottiglieri

*"(...)seres luminescentes,
dançantes, erráticos, intocáveis e resistentes
enquanto tais."*

Georges Didi-Huberman

A gestologia apresentada mapeia a nau do encontro. Na fuga da representação do percurso é transcrito o movimento deslocado, o gesto. A cartografia como representação gráfica destitui o corpo do reconhecimento do espaço e aplica operações científicas, técnicas e artísticas para a orientação espacial. Para o ordenamento dos espaços o imperativo atua incisivamente sobre os corpos, obtendo uma experiência urbana modernizada de individualização e higienização. Haveria de ser proposta uma atuação corpórea que assumisse os deslimites privados e que chegasse à borda da representação da cidade hostil e acolhesse suas camadas de pele. Uma cartografia do corpo-a-corpo que, atirado no espaço, não observa, mas absorve e se remenda à paisagem; que não seja espectador, mas transforme corpo em espacialidade e espaço em corporalidade, continuamente. Mesclado, justaposto, aglutinado. Na borda da narrativa reguladora que se construiu historicamente está o limiar da contação nômade de corporalidades - que constituem as cidades em seus movimentos como trajetórias intermitentes e clandestinas.

O ato coreográfico em questão se deu em uma ação coletiva e é narrado nesta escrita potencializando a experiência de invenção dos elementos de corpo-tempo-espaço para contação de uma história que se faz e desfaz aqui e agora: os territórios urbanos. Como um jogo entre a constituição de fatos urbanos, devir e estratégias corpóreas que atualizam percursos epopeicos. Para retomar a paisagem em contínua transformação e, desta mesma maneira, transformando o que habita. Para regressar a paisagem em relação um ao outro, ao espaço, e não dispostos temporalmente.

O corpo, que é pulsão do espaço, dança com a paisagem do cenário narrado atemporalmente, enfrenta a historiografia anacrônica. Uma revoada luminescente adentra a narrativa insípida, dança com os corpos estáticos e sua assepsia, propondo o transbordamento da navegação espetacularizada na conquista de territórios nômades não apenas na circunspeção da pele, mas na produção de um outro modo de vida. A história que se faz cíclica e se pretende linear é vazada pela alforria, por corpos que caminham em desvio. Estranhos e entranhados, corpos nômades realizam movimentos

¹ Mestranda (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFPel), arte/educadora perambulando a rua entre espaços expositivos e de educação.

² Dipartimento di Architettura - Università degli Studi RomaTre, percorrendo la città di Roma, Torino, Parigi e Valparaiso durante la formazione.

alternados entre literatura e vida urbana, no contato não-unilateral e linear, tomando o porvir como impulso do gesto descobridor.

Corpos nômades dançam a paisagem de um percurso demarcado por Virgílio, para habitar e construir o espaço intersticial, intermitente e aberto, atemporal, *entre* os lampejos possíveis e súbitos. Uma composição de forças que desconfigura o uso do espaço e transvalora spectralidades: anunciação de um passado porvir. Mas não em sua linearidade temporalizada, suspenderam-se os tempos modernos e se reconfiguraram temporalidades que se sobrepõem, do micro-espaço epidérmico à macro espacialidade, expandindo as relações remaram a barca de Enea nos territórios mundanos da contemporaneidade, corporalidades refugiadas e navegadoras de si. Sobreposta e intempestiva, nesta parede branca, dançaremos contato e improvisação com migalhas epidérmicas e históricas dos caminhantes. Aos vermes que primeiro roeram a fria carne mitológica - que por sua vez já foram roídos - e aos vermes modernizantes que nos corroem cotidianamente: dancemos estas memórias póstumas!



